



O MUNDO NA REPRESENTAÇÃO E NA REPESONTOLOGIA: UMA ENTREVISTA COM RICARDO CORTEZ LOPES

THE WORLD AS REPESONTOLOGY: AN INTERVIEW WITH RICARDO CORTEZ LOPES

EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA COLIRIUM¹
(ENTREVISTADORA)

A ENTREVISTA



Prof. Dr. Ricardo Cortez Lopes²

¹ Responsáveis pela entrevista: Dayane Stephanie Maia Costa e Renat Nureyev Mendes.

² Acervo pessoal do entrevistado.

REVISTA COLIRIUM: Gostaríamos de conhecê-lo melhor nesse início de entrevista: Quem é o Prof. Dr. Ricardo Cortez Lopes? Poderia nos contar brevemente acerca da sua trajetória acadêmica e também um pouco sobre a sua vida fora da academia?

RICARDO CORTEZ: biograficamente, sou nascido em 1987, no município de Porto Alegre. Minha família provém de Piratini, um município no sul do Rio Grande do Sul: meu pai era um camponês que estudou até o nível médio no município de Pelotas e minha mãe morava numa comunidade da cidade, em condição paupérrima. Meu pai se mudou para trabalhar como técnico no nascente Polo Petroquímico de Triunfo, algo que tinha muita demanda na época e eles conseguiram se estabelecer em Porto Alegre nos anos 1980, sendo que minha mãe anteriormente trabalhou de doméstica em algumas casas. Estudei em uma escola católica a vida toda: tinha facilidade com ciências humanas e biologia (mas com matemática não; e talvez tenha sido o ensino, pois quando aprendi filosofia na graduação, aprendi também matemática) e depois estudei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde fiz graduação, Mestrado e Doutorado (na área da Sociologia). Foi fazendo uma etnografia, que depois resultou num artigo³, que conheci minha esposa (Liliam), com a qual tenho dois filhos (Eric e Caio). Eu tenho trabalhado com docência de maneira intermitente, tal qual a obrigatoriedade da sociologia no ensino médio, então não tenho tanta coisa assim para contar no setor, pois trabalhei mais tempo na área técnica. A única coisa que sempre fiz foi pesquisa e comunicação (em um podcast), pois quero levar minhas pesquisas para a vida prática das pessoas. Com relação à pesquisa no geral, estudo a ressignificação de representações da modernidade primeira em mídias anteriores ou posteriores a ela, e foi dessa diretiva que se originou a representologia. Como comunicador, pretendo aumentar o volume de representações circulantes por meio de meus textos e de meus vídeos, que trabalho de maneira embasada. Eu faço essas atividades em paralelo e não sei se uma delas vai preponderar no futuro.

REVISTA COLIRIUM: A sua trajetória acadêmica é marcada por um ciclo completo (graduação, mestrado e doutorado) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como foi a sua experiência nesta que é uma das maiores instituições educacionais do Brasil?

³ LOPES, Ricardo Cortez. O grupo artificial em um ambiente desfavorável (ou não favorável): etnografia de um grupo de discussão de religião em uma universidade com forte tradição laicista. In: **Debates do NER**, v. 2, p. 99-123, 2015.

RICARDO CORTEZ: eu tive o privilégio de ver esta instituição por vários ângulos. Estudei na UFRGS, estudei a UFRGS (ela foi meu objeto de pesquisa) e ainda trabalho na graduação da UFRGS. Eu tenho essas 3 experiências ‘parciais. Tenho orgulho de ser pioneiro em estudar a instituição, porque geralmente ela é encarada como *alma mater* ou se estuda algum curso específico dela, e eu a estranhei e desnaturalizei. Escrevi sobre os membros da UFRGS, passando desde o preparatório para o vestibular para essa universidade, os fiscais do vestibular⁴, a graduação e a pós-graduação, além de já ter feito entrevistas com funcionários e professores, além da própria gestão⁵. Por causa disso, estudei a história da instituição, e vi que ela começou como uma série de faculdades que se juntaram e se tornou a universidade de Porto Alegre, depois do Rio Grande do Sul (URGS), posteriormente se federalizando (mas mantendo a pronúncia URGS), e, posteriormente, sofrendo investimentos de Políticas públicas, cortes e participando do cenário mais nacional. Intrigava-me muito como um estado endividado como o do RS conseguia ter uma instituição tão de ponta como a UFRGS. Seguramente, não era o investimento financeiro que fazia essa grandeza, pois outros estados possuem muito mais caixa disponível. O meu programa, o da Sociologia, era o melhor do Brasil na época – apesar dos poucos professores e mesmo não tendo bolsa para todos, ainda assim os alunos conseguiam elevar o nível do programa e manter a nota 7. Enxergo a comunidade da UFRGS muito focada na pesquisa em si e com um forte apego com a instituição. Por isso minha dissertação mostrou que os alunos ficam incomodados com identidades individuais muito aprofundadas (como a religiosa) e minha tese mostrou que quem não aprecia muito a pesquisa e prefere o mercado de trabalho acaba tendo mais chances de sair. No meu entender, poderíamos correlacionar isso com a cultura gaúcha – mesmo que nem todos os membros da UFRGS sejam gaúchos, a cultura ajuda a ditar quem vai ser mais bem sucedido nesse espaço social. Esse apego com a pesquisa tem a ver com certo ímpeto guerreiro por um posicionamento dentro de uma dicotomia, que explica muitas das guerras, como a Revolução Federalista ou a Revolução Farroupilha serem extremamente violentas. Já vi também pessoas de outros estados dizendo que somos mais provocadores, o que sem dúvida pode derivar dessa diferença antropológica, que constrói as culturas. O resultado, a meu ver, é certa ortodoxia, o que tem a

⁴ LOPES, Ricardo Cortez. A instituição incorporada? fiscais de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o ritual. In: **Revista Contraponto**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2018.

⁵ LOPES, Ricardo Cortez. A hidra e suas cabeças: análise de quatro representações sobre a universidade. In: **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 1, p. 01-20, 2021.

vantagem de permitir o acúmulo coletivo de dados, aplicando referenciais, mas dificulta a autoria própria, pois temos mais dificuldade em criar e muita facilidade em aplicar. Talvez na área da tecnologia isso não ocorra, mas isso porque é regra da tecnologia questionar o estabelecido. Mas de resto, somos excelentes aplicadores e defendemos nossos referenciais com unhas e dentes.

REVISTA COLIRIUM: Você começou a sua trajetória acadêmica cursando “História” na UFRGS. Por que não prosseguiu os estudos nesta área (a que iniciou a sua formação)? Por que migrou para as Ciências Sociais, sobretudo a Sociologia, nos cursos subsequentes (segunda graduação, mestrado e doutorado)?

RICARDO CORTEZ: falarei da minha experiência pessoal, na minha região, instituição, curso e época – não estou fazendo generalizações, mas tenho o direito de comunicar o que percebi e o que passei. Fiz essa “migração” por conta de uma perspectiva epistemológica, construída quando me aproximei das áreas pela formação e pela pesquisa. Na história eu considerava os estudos muito especializados, de modo que eu estudava História Antiga (daí as minhas “pirações” com a mitologia grega) e a partir dali, em teoria, as disciplinas de outros períodos históricos não se aplicavam aos meus objetos; era como se as aulas “atrapalhassem” minha vida acadêmica. A história é a ciência da exaustão do material, você se debruça sobre as fontes e, mesmo que seja uma história-problema, você constrói uma narrativa, pois os dados se articulam em volta da variável (no sentido estatístico) tempo. Logo, quando existe esse foco no tempo, os estudos ficam muito voltados para a narrativa, e a densidade torna difícil que outras pessoas de fora do campo consigam acompanhar e debater. Isso é ruim? De modo algum! A linguagem técnica é o que permite chegar na profundidade, e é ela que alimenta a Teoria. No entanto, a meu ver, isso torna esta História acadêmica menos interessante para quem é de fora, e no meu entender a ciência precisa mostrar sua relevância para a sociedade para que ela produza a reflexão – que é a base da ciência moderna, e isso não ocorre se há isolamento. Outro aspecto é que eu gosto que na sociologia existe um grande respeito intelectual com os clássicos, você convive com durkheimianos, weberianos e marxistas, enquanto na história eu vi escolas e “domínios da história” sendo descartados enquanto possíveis – como a história das mentalidades, por exemplo - tal como se fossem paradigmas kuhnianos seguindo-se um após outro, pois os autores antigos são estudados apenas pela Teoria – de novo, minha impressão pessoal. Enxerguei esse viés nas Ciências Sociais, dado que o cidadão médio tem as experiências prévias

que carrega e no mínimo consegue debater com o pesquisador apresentando seu ponto de vista. É claro que existem tensões, o cientista social pode afirmar que o leigo é senso comum e o cidadão pode querer generalizar sua experiência da maneira mais etnocêntrica possível. Mas, mesmo assim, o diálogo existe, e também achei interessante que é possível utilizar a história como uma fonte de estranhamento dos dados atuais – sei que existe a sociologia histórica, mas estou falando dos cientistas que estudam a sincronia. Por um tempo até entrei em negação da minha identidade enquanto historiador, pois queria ser reconhecido enquanto sociólogo, mas depois que cursei o doutorado e tive uma produção expressiva em sociologia, voltei a ter uma identidade de historiador positivada. Inclusive, hoje enxergo – simplificadamente, pois ainda estou escrevendo o livro – a História como a disciplina que explica como as representações se espalharam de fato, levando em conta suas disputas e mesclas. Mas ainda não desenvolvi por completo esse raciocínio.

REVISTA COLIRIUM: Já estamos cientes que você criou uma nova ciência. Sabemos também que ela não veio do nada, mas que as fases da sua produção acadêmica (escolar, dos contextos representativos e da representologia⁶) nos ajudam a entender a gênese e o desenvolvimento do raciocínio que elaborou esta nova ciência. A partir disso, contextualize, por favor, de onde surgiu a ideia da criação da Representologia.

RICARDO CORTEZ: eu dei sorte que cursei Ciências Sociais e não direto Sociologia na graduação, pois esse curso é bem generalista, então acabei cursando uma disciplina de Psicologia Social, com uma professora que só discutiu a teoria das representações sociais, do Serge Moscovici. Ainda que restrita, essa docente estava ensinando algo e eu estava no lucro – tive professor de Economia que nem aula dava, utilizava os alunos como público, ou divã, porque provavelmente a família o odiava. Bem, lá eu conheci o Moscovici, li vários escritos dele, e tentei a seleção de mestrado em sociologia – até onde lembro era algo com sociologia da educação – e acabei trabalhando com Durkheim, sobre o qual li muito também. É essa a fase escolar, eu estava aplicando muito Moscovici e Durkheim, sem um diálogo teórico, no máximo fiz uma síntese com as Representações Sociais Morais na minha tese⁷ – até porque a orientação não ia deixar eu ir muito longe, caso contrário não iria obter o título, pois estava fazendo pesquisa empírica e muita

⁶ Para saber mais a respeito dessas fases, acesse o seguinte site: < <https://www.institutoparajas.org/about-5> >.

⁷ LOPES, Ricardo Cortez. **Evasão e persistência de alunos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**: um estudo moral das representações sociais. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

elocubração teórica deixaria o texto árido. Hoje concordo e discordo dessa afirmação, mas isso é papo para outro dia. Ocorre que eu ia trabalhar na tese com outro objeto: o trânsito religioso dentro da UFRGS; e então já tinha desenvolvido todo um material, e tinha até qualificado. Mas como troquei esse material, tive de começar de novo, então transformei estes capítulos descartados no livro “Construindo Contextos”⁸, no qual me dei o direito de lançar uma teoria social: a teoria dos contextos representativos, que explicava o movimento das representações sociais a partir de centros de atração, para além da sua detecção na mente individual. Podendo citar esse livro, consegui produzir vários estudos que aplicaram a teoria, mas ainda eram estudos esquisitos para os meus pares, embora fossem sociológicos – lembro que os sociólogos falavam que eu era muito antropológico, e os antropólogos me chamavam de cartesiano. Os que encontrei achavam que era só falar que é etnografia que não é preciso descrever a metodologia, algo que critico bastante. Mas, enfim, cabe ressaltar que meu material de pesquisa da tese e da dissertação⁹ não eram o suficiente para testar a teoria, então expandi meu olhar para distintas mídias – que não precisassem de TCLE ou comitê de ética – e temáticas distintas, algo bem experimental mesmo. Então me dei conta que não me tornei um especialista, o que me permitiu refletir sobre a representação em si mesma, pois não havia um objeto empírico que absorvesse toda minha atenção, como vi acontecendo com muitos colegas.

REVISTA COLIRIUM: Mas o que é a Repesontologia? Ela é uma ciência? Ou uma pseudociência? E o que seriam os estudos representacionais?

RICARDO CORTEZ: a repesontologia descende de uma série de teorias da representação (como a teoria das representações sociais) e de conceitos de representação (como as representações semióticas, as coletivas, as mentais *etc.*), sendo uma continuidade e um rompimento com todas essas formulações. O que tem em comum entre essas construções é que a representação abastece outras disciplinas, como a Psicologia Social, a Matemática, a História *etc.* Esses são os estudos representacionais, que utilizam a representação como ferramenta metodológica, não a teorizando

⁸ LOPES, Ricardo Cortez. **Construindo Contextos:** uma contribuição sociológica para compreender a relação entre indivíduo e sociedade. 1. ed. Maringá: Viseu, 2019.

⁹ LOPES, Ricardo Cortez. **A situação da religião com relação à universidade laica:** uma análise a partir da perspectiva dos atores. 231 f. 2015. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

densa e diretamente, utilizando-a como um meio para outro fim. A representologia se volta diretamente para a representação, tomando-a como objeto, e disso se geram dados a serem colhidos, analisados e comunicados com os pares. Isso é o que a diferencia de uma pseudociência, uma vez que existem dados concretos a serem analisados, e as pseudociências até podem utilizar uma linguagem científica, mas lhes falta a análise dos dados. É possível contestar a representologia enquanto ciência por uma discussão epistemológica que varia com pressupostos do autor que crítica (que trago num livro que estou escrevendo), mas afirmar que é pseudociência me parece ser um espantalho ou má vontade.

REVISTA COLIRIUM: Qual a principal ambição teórica da Representologia?

RICARDO CORTEZ: basicamente, ela quer descobrir se existe uma representação só (una ou meta-representação) ou se há tipologias dela, ou seja, se é a ciência da representação ou das representações, o que é algo bastante diferente. Se forem várias, então se faz um catálogo e se determina a interação, e está resolvido; pode-se passar a estudar se esses tipos são históricos e que relação possuem com a ação de seres vivos e estudar suas composições. Mas se há uma representação una, é preciso saber se ela é algo na qual se acoplam diferentes conteúdos ou se é uma estrutura mínima em todas as representações *etc.*, e essa é uma discussão bem mais densa. Todas essas discussões poderão ser feitas com o estudo massivo e com a ampliação do campo, como a neurologia, que pode apontar evidências adicionais. Mas esse é só um exemplo.

REVISTA COLIRIUM: Em sua leitura, como você definiria “representação”? O que é (e o que não é) representação?

RICARDO CORTEZ: Em termos constitutivos, trata-se um sistema especular simbólico-material que alimenta um núcleo associativo (utilizando elementos físicos e simbólicos que o corroborem), cujo objetivo é tentar duplicar proporcionalmente um referente externo a ela, existindo em função dele, para emulá-lo ou adequá-lo. Seu comportamento é o de buscar a sua fusão com o referente a partir de seu espelhamento, tornando-se sinônimo dele, e não apenas uma cópia. Por que afirmo que a representação é simbólico-material? É preciso que exista um organismo vivo que nutra um cérebro que vai manter a mente, a qual vai armazenar ou decodificar uma representação. Cabe

ressaltar que a represontologia não considera que “tudo” é representação: afinal, se tudo fosse representação, não existiriam referentes, e as representações são parte da mente, por isso a ciência fala de uma identidade global, que é composta por outros elementos além da representação. Um fato, por exemplo, não é uma representação em si, mas alimenta ou contraria uma, e não podemos confundir ideia com representação: a ideia é a formulação pronta e que se torna um fato avaliado pela representação, e a representação é esse sistema que precisa ser constantemente alimentada.

REVISTA COLIRIUM: Por que estudar “representações”? Qual a relevância de estudá-las por si mesmas?

RICARDO CORTEZ: em minha leitura, com a sociedade da informação e a internet 3.0, as interações aumentaram, o mundo se complexificou e criou bolhas, cada uma de complexidade infinita. Por exemplo, você elege um grupo social, você encontrará muitos subgrupos; você estuda uma tecnologia, os aspectos técnicos e ramificações são múltiplos; a natureza já é assim, uma fruta tem vários tipos; focar nas representações é uma maneira de construir uma ponte entre esses distintos fenômenos, utilizando-os para uma reflexão só; não se anula a necessidade de outras ciências, é mais uma discussão complementar. Outro ponto interessante é que as representações embasam a ação, e mesmo as respostas automáticas, como a instintiva, partem de uma representação que articula meios e fins. Ou seja, estudar a representação é uma maneira de se chegar na discussão do conhecimento como um todo, unificando os mais diferentes campos de estudo por uma âncora.



REVISTA COLIRIUM: É verdade que você elaborou um brasão para a Representologia?



Brasão da Representologia¹⁰

RICARDO CORTEZ: sim, elaborei um brasão; mesmo não sendo um especialista em heráldica, me guiei por referências, tal qual os Antigos faziam, pois a heráldica veio depois dos brasões prontos. Existe uma frase famosa que diz que uma imagem fala mais do que mil palavras (é claro que isso só vale para fenômenos não processuais), então pensei também em criar algo que inserisse a representologia dentro de uma tradição anterior. E as ciências fazem isso: você vê as áreas da saúde utilizando o caduceu de Hermes, e a Comunicação utilizando as asas de Apolo, entre outros símbolos. Logo, o brasão cria uma comunicação imediata, passando os elementos mínimos para o entendimento de uma mensagem. É claro que nem todas as ciências têm esse brasão – até onde sei, a sociologia não o tem, e seria interessante entender o porquê não, mas provavelmente isso tem relação com ter sido criada no século XIX. O brasão que pensei simboliza Atena (seu capacete de batalha) e um raio que remete a Zeus, seu pai. Pensei nesses elementos porque o livro Teogonia mostra que Atena foi gestada dentro da cabeça de Zeus e, após uma dor de cabeça, ela saiu de seu crânio e se tornou a deusa da ciência e da guerra, agindo no mundo como qualquer outra divindade

¹⁰ Criação e autoria do entrevistado. Redesenhada pelo designer Fellipe Henrique Guedes.

do panteão grego, relacionando-se com outros deuses e humanos. Ora, essa é exatamente a ideia da representação! Ela começa na cabeça (mente), mas, a partir da comunicação e de outros atos, ela ganha o mundo e se espalha, tecendo teias e se metamorfoseando – Athenas, por exemplo, torna-se Palas Athenas, uma vez que ela não é uma figura estanque. Não encontrei nenhum brasão com Atena ou Zeus, então precisei criar do zero, utilizando os louros e uma fonte medieval além de cores da atualidade, para evidenciar a passagem do tempo.

REVISTA COLIRIUM: Quais estudos já aplicaram, até o momento, a chamada “Representologia”?

RICARDO CORTEZ: até o momento tenho alguns trabalhos publicados, e mais alguns em processo editorial. Existem outras publicações antes do livro que estão tensionando a teoria dos contextos representativos, então é como se fosse uma proto representologia, como é o caso de alguns trabalhos¹¹. Um artigo¹² analisa os personagens históricos de um jogo de luta, produzindo representações sobre a própria História. Outro, sobre a personagem Vesper Lynd¹³, mostra-a como uma representação espelhada de James Bond. Outro artigo estuda os trabalhos de conclusão de curso¹⁴ de diversos níveis educacionais, verificando se o que foi aplicado corresponde a uma representação oficial (o planejamento pelo MEC). Outro artigo estuda Jesus Cristo e a questão da pobreza¹⁵, evidenciando diferentes representações de Jesus Cristo, analisando 4 delas em blogs cristãos, tecendo a sua relação. Houve também um capítulo de livro em que, ao refletir de um suposto fim do *zeitgeist*¹⁶ na contemporaneidade, acabo chamando a representação para uma breve

¹¹ LOPES, Ricardo Cortez. O queijo e os ratos: estudo das representações por meio de processos de efervescência. In: **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 16, p. 184-200, 2023.

¹² LOPES, Ricardo Cortez; MARTINEZ, Lis Yana de Lima. Um enredo com e sem história? de que maneira a historiografia contribui para a construção de personagens? por uma história que é meta-contextual e entretém?. In: **Escritas**: Revista do Curso de História de Araguaína, v. 15, p. 27-55, 2024.

¹³ MARTINEZ, Lis Yana de Lima; LOPES, Ricardo Cortez. The Name is Lynd, Vesper Lynd: a mirror in Casino Roayle. In: **Sociologia (Porto)**, v. 48, p. 111-125, 2024.

¹⁴ LOPES, Ricardo Cortez. Os trabalhos de conclusão de curso colaboram para os objetivos gerais da Educação Brasileira? Uma análise literalmente documental. In: **Revista Interfaces**, v. 15, p. 1-18, 2024.

¹⁵ LOPES, Ricardo Cortez. Jesus Cristo e questão da pobreza: cristologia comparada em blogs cristãos. **Em Tese (Florianópolis)**, v. 20, p. 165-193, 2023.

¹⁶ LOPES, R. Cortez. O fim do *Zeitgeist*?. In: MATISSE, Vitor; EFTHYMIATOS, Enzo da Silva; FIEDLER, Cássia Zimmermann; ANDRADE, Érica Isabel Dellatorre; STEINSTRASSER, Giselle dos Santos; CORRÊA, Guilherme Augusto Pessin; SCHARDOSIM, Ivan Krás Borges; THOMÉ, Liane Maria Busnello; FERREIRA, Rute Raquel Prates (Orgs.). **Filosofia contemporânea e educação, ética**. 1ed. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2023, v. 4, p. 91-103.

discussão. Há também um outro artigo¹⁷ no qual estudo a representação de candidato ideal em concursos voluntários. Por fim, tem um outro capítulo de livro no prelo, no qual analiso a representação do *gore* estruturando os personagens Deadpool e Kick-Ass, que vai sair pela Editora Parajás.

REVISTA COLIRIUM: Quais as principais influências da “Representologia”?

RICARDO CORTEZ: no livro, eu afirmo que li as obras seminais da Sociologia, da Semiótica e da Cibernética, mas existem mais referências. Sem dúvida coloco a sociologia da moral durkheimiana, que permite estudar muitos objetos distintos; a teoria das representações sociais de Moscovici (que fornece uma unidade de análise e técnicas concretas), a Antropologia Comunicacional (a vertente que utiliza a Teoria dos Sistemas), além da Ciência de Dados – mais especificamente seu fascínio pelos *dashboards* de *Power BI* e o *Big Data*, pois as representações são fenômenos massivos, os estudos quantitativos vão demonstrá-lo no futuro. São áreas tão ricas que me permitiram fazer pesquisas de diferentes montas e, assim, refletir sobre a representação em si para que ela agregasse esses sistemas, pois senão minhas pesquisas seriam um “Frankstein” ou uma “salada de frutas” epistemológica. Afinal, sempre somos cobrados para criar coerência, então isso me obrigou a refletir além da reprodução de meu referencial

REVISTA COLIRIUM: E a pergunta que não quer calar: qual o lugar da “Representologia” nas ciências? E como ela pretende se consolidar?

RICARDO CORTEZ: essa é uma questão que ainda não tenho resolvida, estou até parecendo o Bentinho, de “Dom Casmurro”. Por um lado, a representação, no mínimo, é mais detectável na mente humana, então ela poderia ser considerada ciência humana; porém a representologia também estuda as inteligências artificiais e animais, o que desvia esse foco propriamente humano; se considerarmos a representação como a cultura compartilhada, então estaríamos falando de uma ciência da comunicação; porém, a representação opera mesmo fora da interação, e não é esta que é dissecada, mas sim as representações em si; ciência da cognição? Talvez, mas a representação não

¹⁷ LOPES, Ricardo Cortez. Concursos para docentes voluntários no Brasil: entornos e contornos do fenômeno. In: *Temáticas*, Campinas-SP, v. 32, n. 63, p. 138–163, 2024.

está propriamente no cérebro, e sim na mente; já me perguntaram até se seria uma especialização da sociologia do conhecimento, mas o fato de ter objeto e metodologia próprios o fazem não focar no social. Enfim, atualmente, não consigo responder a essa pergunta, mas espero com o tempo conseguir.

REVISTA COLIRIUM: Quais os principais conceitos que são mobilizados pela “Representologia” até o momento?

RICARDO CORTEZ: eu montei um glossário¹⁸ com os termos desenvolvidos, mas vou apresentar aqui os principais. Já falei de *representação*, então preciso falar do *referente*, que é aquilo que é representado, e que nem sempre é alcançável. Afinal, o referente bem-estar tem uma representação única ou várias? O referente costuma ser inalcançável, e a representação faz uma tentativa de duplo especular – para efeitos de comparação, a mágica, por exemplo, não só re-apresenta, mas traz algo integralmente. Cada representação contém um *núcleo associativo*, que é uma equivalência entre dois signos codificados em palavras (sendo uma delas o referente). Esse núcleo depende de corroboração constante, ou a equivalência vai se desfazer: para isso existe um *reservatório factual*, uma região de julgamento moral (que decide se o estímulo vai corroborar o núcleo associativo, o contraria ou é bode expiatório). A partir desses elementos e outros, é possível se estudar a constituição das representações. Quanto ao comportamento, existe a *representologia dinâmica*, cujos principais conceitos são o de referente, que atrai as representações, e também existe o conceito de sistema representacional, no qual as representações se colocam como fatos do reservatório factual de outras representações (tenho um estudo sobre esse assunto para sair em breve, espero).

REVISTA COLIRIUM: Como saber mais a respeito da “Representologia”? Existe algum livro ou um curso que pode ajudar os interessados?

RICARDO CORTEZ: existe o livro que eu escrevi chamado “Repraesontologia: Fundamentos da Ciência das Representações”¹⁹, que está disponível para download no *academia.edu*²⁰ e *research*

¹⁸ Para ver o glossário, acesse o site do Instituto Parajás: < <https://www.institutoparajas.org/general-7> >.

¹⁹ LOPES, Ricardo Cortez. **Repraesontologia: fundamentos da ciência das representações**. 1. ed. São Paulo: UICLAP, 2024.

gate. Optei por disponibilizá-lo como parte da maneira que encontrei de circular suas representações. Existe um curso no YouTube sobre o livro inteirinho; e outro para o analista representacional.

REVISTA COLIRIUM: Seguindo os passos do sociólogo francês Émile Durkheim, você foi o responsável, junto do Instituto Parajás, pela criação da Revista Colirium. Quais as suas pretensões com este periódico? Conte-nos um pouco sobre essa revista de estudos representacionais e de representologia que acaba de surgir.

RICARDO CORTEZ: essa revista procura fazer uma unificação dos estudos da representação, pois eles estão espalhadas em outras áreas, pois a representação tem sido encarada como uma ferramenta. Assim, pretendemos, com essa revista, reunir esses estudos diversos e também os de representologia para que a comunidade de pares possa tomar consciência de si mesma. Isso parece bem utópico neste momento atual, porém na época de Durkheim, quando ele lançou *L'Année Sociologique*, as pessoas também não pensavam que a sociologia poderia se tornar o que se tornou hoje, com cursos de graduação, pós, departamentos, associações etc. Não estou dizendo que Durkheim fez tudo isso sozinho, mas ele foi um dos que acreditou e ajudou nesse processo, junto com outras figuras como Weber, Simmel, entre outros.

REVISTA COLIRIUM: Antes de finalizarmos, responda objetivamente às seguintes perguntas:

a) Qual livro mais o marcou em sua vida?

RICARDO CORTEZ: a trilogia “O tempo e o vento”, de Érico Veríssimo; li na adolescência e só hoje entendo as referências: é admirável aquele mundo e todas aquelas gerações se desenvolvendo. Ele é uma espécie de arquétipo dos meus interesses em história, sociedade, ficção, educação etc. Muito boas lembranças de lê-lo em diferentes lugares, pois eram livros tão grandes que eu demorava tempo para ler, e nisso minha vida andava.

²⁰ Acesse o seguinte site para baixar a primeira edição do livro sobre a Representologia: < [https://www.academia.edu/119946361/Representologia_Fundamentos_da_Ci%C3%A7%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/119946361/Representologia_Fundamentos_da_Ci%C3%A7%C3%A7%C3%A7%C3%B5es) >.

**b) E qual o seu livro de cabeceira?**

RICARDO CORTEZ: a “Arte da Guerra”. Não que eu esteja em guerra, mas concordo com o adágio de que devemos estar prontos o máximo possível; essa sabedoria oriental me encanta.

c) Qual personagem de nossa história pátria você considera um verdadeiro herói?

RICARDO CORTEZ: a resposta será estranha porque falarei de um ato, mas considero o tratorista Amilton, sobre quem até escrevi um artigo. Ele se recusou a derrubar casas em uma reapropriação de um terreno, com ordem judicial. Eu não vou utilizar o populismo de dizer que ele defendeu pobres, porque esse não é o ponto: pelo ideal dele, ele foi contra o patrão, o Estado e as pessoas que observavam a cena (que não o ajudaram). Tudo bem que ele passou mal, não foi que ele só bateu o pé e saiu preso, mas foi esse sentimento que somatizou o mal-estar, e depois as autoridades voltaram atrás. Ou seja, pra mim é um herói, mesmo não tendo importância política.

d) E da história universal?

RICARDO CORTEZ: Quem eu mais admiro foi o Sócrates, que mostrou que ideias sobrevivem ao indivíduo e é mais lembrado do que quem o condenou à morte. Perguntas, em teoria, não deveriam ofender, mas quando você pergunta algo que é óbvio para outra pessoa, ela, ao invés de defender seu ponto, pensa que está sendo atacada, o que demonstra que ela não tem uma boa relação com a sua verdade, pois quem não defende suas ideias é porque não as tem aprofundadas. O Sócrates mostrou tudo isso e ocasionou um grande impacto em outros filósofos, como o Aristóteles, e, por consequência, na cultura ocidental como um todo.

e) Se fosse para escolher outro país (que não o Brasil) para ter nascido/vivido, qual escolheria?

RICARDO CORTEZ: eu gosto de morar no Brasil, adoro esse país, principalmente as pessoas, mesmo com os problemas de patrimonialismo. Mas, se eu fosse escolher, talvez escolheria nascer

num lugar onde as pessoas, num geral, tem mais apreço pela leitura, e acho que a Argentina é um pouco assim. Pensando melhor, acho que vou deixar essa pergunta sem resposta porque possivelmente teria um efeito borboleta e eu não conheceria minha esposa e não teria os meus filhos, e não me imagino mais sem eles.

f) Se pudesse sintetizar o conhecimento acumulado ao longo de sua experiência de vida em uma frase, o que diria às próximas gerações?

RICARDO CORTEZ: conheçam-se, saibam no que são bons e foquem em construir habilidades, assim não precisarão da validação de terceiros ou de instituições para se realizarem e não terão um vazio existencial.

REVISTA COLIRIUM: O que você espera deixar para a posteridade em relação ao seu nome?

RICARDO CORTEZ: um sonho concreto meu é um dia ter um verbete em uma Enciclopédia. Mas não é pelo mero nome na folha, mas sim porque eu terei relevância enciclopédica, e para isso eu preciso ser importante para a vida das pessoas. Quero fazer isso por meio da ciência, permitindo que o ser humano se conheça melhor e, assim, paradoxos atualmente sem explicações ganharão algum sentido. Afinal, são os paradoxos que nos movem, e não as certezas ou as refutações.